

ENSAIOS, REFLEXÕES E RELATOS

Congresso INVTUR 2010 - Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal 10 a 13 de março de 2010

Alexandre Panosso Netto¹
Luiz Gonzaga Godoi Trigo²

O Evento

A Universidade de Aveiro, juntamente com o Turismo Centro de Portugal, organizou o Congresso INVTUR 2010 com o tema “Investigação em turismo: o estado da arte e perspectivas de futuro”. O evento contou com cerca de 700 participantes (sendo quase 30 brasileiros), de 26 países. Foram 177 apresentações, seis palestrantes de renome internacional (John Tribe, Chris Cooper, Alan Fyall, Alfonso Vargas Sánchez, Dimitrius Buhalis e Geoffrey Wall). Um total de 196 trabalhos publicados, de 335 autores, foram apresentados em 35 sessões abertas ao público e publicados em três volumes da revista *Turismo & Desenvolvimento* que contém 1.174 páginas (nº 13/14, 2010, 3 vol., ISSN 1645.9261).

A organização geral foi responsabilidade do Prof. Carlos Costa e equipe (Dimitrius Buhalis, Elisabeth Kastenholtz, Ana Filipa Brandão, Rui Costa e Zélia Breda). Uma equipe de 31 acadêmicos portugueses, de várias instituições, formou a Comissão Científica (www.ua.pt/event/invtur2010).

Principais Palestras

Segundo Carlos Costa, na cerimônia de abertura e durante sua conferência, os principais objetivos do evento foram promover e intensificar os contatos com outras universidades, setores políticos e empresariais que envolvem as atividades relacionadas a viagens e turismo;

¹ Professor do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: panosso@usp.br.

² Professor do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: trigo@usp.br.

avaliar o estado da arte da pesquisa e ensino em turismo nos vários países participantes; partilhar experiências gerando massa crítica e possibilitando o crescimento da área “de dentro para fora”, ou seja, desenvolvendo aprimorando conhecimentos latentes; promover a investigação sólida e constante; e promover os contatos entre a academia e os setores empresariais e da sociedade civil.

O título da palestra de Carlos Costa evidenciou os propósitos: “*Diminuir a lacuna entre a pesquisa em turismo, educação e indústria*”. Para viabilizar tal objetivo, Costa analisou a agenda da academia e seus *outputs* (comunicações, publicações), notou que o setor produtivo de turismo está desconectado da universidade e que essa lacuna pode ser substancialmente diminuída desde que ambos os setores se interessem e se auxiliem em projetos estratégicos e táticos relevantes.

Para que as pesquisas sejam relevantes para a sociedade como um todo, é importante que elas tenham originalidade, seja no arcabouço teórico, seja no objeto e método da pesquisa em si; rigor, no enfoque metodológico e no tratamento confiável dos dados; que a contribuição seja evidente pelo significado expresso na pesquisa; a qualidade deve ser avaliada pelo mérito científico e do grupo, o que se reflete na contribuição oferecida.

Outro ponto importante é o ensino. No caso de Portugal, o ensino de turismo apresenta o seguinte quadro:

Universidades: 3 particulares e 6 públicas, num total de 9 universidades;

Politécnicos (o equivalente, no Brasil, ao tecnólogo): 21 particulares e 37 públicos, num total de 55 politécnicos, o que dá um total geral de 64 cursos, com cerca de 2.600 alunos matriculados no primeiro ano.

Essa rede deve ser articulada de forma a estabelecer relações institucionais, seja entre instituições públicas ou particulares, nacionais ou internacionais, para fortalecer a área como um todo.

Quanto à relação entre mercado e academia, fica evidente que o *trade* preocupa-se em ter mais clientes, mais capital, mais eficácia e eficiência, mais conhecimento e visão estratégica da realidade e dos cenários e tendências que, constantemente, alteram suas realidades (crises

econômicas, conflitos sociais, avanços tecnológicos, terrorismo internacional, epidemias, abertura de novos mercados e enfraquecimento de outros etc.).

Uma discussão relevante na Europa é sobre as influências do Tratado de Bolonha na educação superior. Há um foco no aluno visando o mercado de trabalho, com muitos cursos restritos a três anos de duração, com estágios extracurriculares. Isso significa que não há uma imediata inserção formal do jovem no mercado, mas sim um período de estágios, mal remunerados em geral, enquanto se aguarda uma inserção regular. Em um quadro de crise econômica (Grécia, Espanha, Portugal, Itália, Irlanda), essa inserção é ainda mais dificultada.

Chris Cooper, da *Oxford Brookes University*, discorreu sobre os desafios e decisões fundamentais para a área. Ele fez um mapeamento geral do ensino e pesquisa em turismo no mundo, constatando que ainda há poucos educadores e pesquisadores face ao crescimento do número dos cursos (especialmente na Ásia e América Latina) e na quantidade de livros e periódicos, além de uma crescente demanda por parte dos estudantes.

No atual estágio de desenvolvimento do turismo, Cooper relaciona a área, ao nível educacional, com outras áreas que ele qualifica genericamente de *business* (ciências sociais, áreas profissionais, artes liberais e economia do conhecimento). Os estudos de turismo e hospitalidade oscilam entre o isolacionismo e a integração, entre a necessidade de se fortalecerem e as influências que sofrem de outras disciplinas. Porém é fundamental que o turismo articule o “GLOCAL” (GLObalização e ação loCAL), use devidamente as novas tecnologias informáticas, desenvolva permanentemente suas aptidões e competências profissionais, se interesse por ética, sustentabilidade, cultura e diversidade.

Quanto ao currículo, Cooper faz um quadro enfocando aparentes oposições que precisam ser permanentemente relacionadas e articuladas entre si:

Educação	Treinamento
Indústria	Academia
Estudos genéricos	Estudos práticos
Proteção da área	Aceitação de outras contribuições
Necessidades vocacionais	Interesses pessoais
Núcleo de estudos	Liberdade de outros campos de pesquisa

Repensar o currículo significa liderar mudanças, inovar conteúdos e métodos de acordo com necessidades específicas e no contexto das mudanças globais, entender as sociedades multi-culturais, mesclar métodos de aproximação da realidade nas pesquisas (evitando dicotomias prejudiciais), eliminar antigos dogmas e preconceitos dos modelos tradicionais e obsoletos e aproveitar ao máximo as facilidades da economia digital e do conhecimento. A construção de modelos que produzam e transfiram conhecimento por redes estruturadas e compartilhadas deverá nivelar diferenças regionais e garantir mais acesso às pessoas, especialmente nos campos de ensino e pesquisa. As tecnologias e culturas de convergência serão cada vez mais disseminadas e as pessoas poderão, se desejarem, acessar redes e centros de conhecimento para se aperfeiçoarem constantemente em suas atividades. Cooper conclui que o “turismo será parte de um novo cenário educacional.”

Geoffrey Wall (*University Waterloo*, Ontário, Canadá), analisou o turismo enquanto uma atividade com diferentes tipos para destinos com diferentes características, tendo como macro-desafios a necessidade de ser mais amplo e complexo para atender diferentes públicos, menos linear e determinista e mais reflexivo e contingente. Segue na linha de se pensar a área fora dos parâmetros obsoletos do século passado e entender a atividade na dinâmica dos micro-desafios entre percepção e realidade; a necessidade da ética; as relações entre moradores e turistas (a população local merece ser beneficiada pelas pesquisas em turismo); a distribuição de benefícios e custos; princípios de igualdade e justiça; diferentes segmentos; e a resposta às questões sobre quem ganha e perde ao longo dos custos e benefícios envolvendo o fluxo turístico. Wall acentua a natureza contingente dos impactos causados pelo turismo. Os impactos variam de acordo com os tipos de turismo implementados e as características dos destinos, portanto o contexto é importante para avaliar esses impactos. Não se deve perguntar apenas “quais os impactos do turismo?”, mas sim em quais circunstâncias (contexto) e com qual tipo de turismo determinadas conseqüências podem ocorrer?

John Tribe (*Surrey University*) analisou as inovações em contraste com a ortodoxia nos estudos em turismo, focando os territórios e “tribos” acadêmicas. Sempre trabalhando com os contrapontos, Tribe fez perguntas instigantes como “se você é um acadêmico *senior*, como mantém a liderança? Se você é novo, como conquistar espaços? Como equilibrar a liberdade em pesquisas sendo independente com a necessidade de se alinhar a agências financiadoras? Evidenciou o “efeito halo” de se estar ligado a instituições de elite ou ser publicado em

periódicos de prestígio (*Annals of Tourism Research, Journal of Travel Research e Tourism Management*).

Alan Fyall (*Bournemouth University*) analisou as necessidades de desenvolvimento profissional e a gestão de destinos. Falou sobre a necessidade de customizar produtos e serviços, de acordo com a exigência da oferta; dos setores de luxo; da simplificação de processos e procedimentos para facilitar a viagem; sobre a autenticidade, no sentido de ser honesto e o mais próximo possível de uma realidade local (*keep honest, keep real*). Há uma responsabilidade global que não pode ser escamoteada, mudanças que acontecem a grande velocidade e a visão de que o turista é o ponto focal isolado mais importante e o destino turístico, a unidade primária de estudo e de ação gerencial. Concluiu pontuando itens como exigência de pessoas altamente qualificadas na área, treinamento constante, gestão profissional, experiência e princípios globais no contexto local (*Glocal*). Deixou realçado, nas conclusões, que o turismo atual exige ICT (Information and Communication Technologies) aplicado à gestão de destinos, entender a economia da experiência, a importância do patrimônio artístico e cultural e dos eventos culturais em geral.

Outras Atividades

As 35 sessões de comunicações abrangeram as seguintes áreas da pesquisa em turismo: educação, investigação e abordagens interdisciplinares; hotelaria; economia e impactos; marketing; inovação e gestão; gestão e desenvolvimento; impactos sociais; turismo em espaços urbanos; métodos de investigação e abordagens interdisciplinares; nichos de mercado; turismo em áreas naturais; e-tourism; competitividade dos destinos; investigação; cultura e patrimônio; distribuição; nichos; gênero e emprego; redes e parcerias; turismo comunitário; turismo em espaços rurais e naturais; resorts e turismo residencial; educação; TICs e questões emergentes; saúde e bem-estar.

Houve ainda oportunidade de contatos sociais e profissionais nos almoços, intervalos e no jantar de gala ocorrido em uma vinícola da região.

Para a comunidade lusófona ficou evidente a necessidade do estabelecimento de uma rede de escolas superiores de turismo para que o intercâmbio de conhecimentos, pesquisas e

pesquisadores possa existir, pois há muitos investigadores que estão trabalhando temas semelhantes em seus diversos países, mas de forma isolada. Essa foi uma proposta também apresentada por Carlos Costa na cerimônia de encerramento do evento.

Segundo os organizadores, devido ao sucesso do evento, haverá uma segunda edição do INVTUR em 2012, em local e data a serem definidos oportunamente.